

# DESAFIO SOCIAIS

Ano II - n. 2 - janeiro/julho de 2002

ISSN 1676-4226



DESAFIOS SOCIAIS Ano II - n. 2

**UFRN**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM SERVIÇO SOCIAL DA UFRN

## CONTEXTOS E PROBLEMÁTICAS DA INFÂNCIA DA PREVENÇÃO À SAÚDE E AO DESENVOLVIMENTO

Maria Natália Pereira Ramos<sup>1</sup>

### Resumo

O comportamento e atitudes em relação à criança, nomeadamente representações, cuidados, práticas educativas, variam no espaço e no tempo, em função dos contextos histórico-sociais e ecológico-culturais, inserem-se num "nicho cultural" e num "nicho de desenvolvimento", inscrevem-se num conjunto de tradições sociais, culturais e familiares, respondem às expectativas da cultura e às exigências das condições de vida, influenciando os esquemas interativos do grupo familiar, o desenvolvimento e a saúde da criança. O desenvolvimento, a educação, a saúde, as necessidades da criança implicam: a tomada em conta de um conjunto complexo e indissociável de fatores individuais e coletivos, de elementos culturais, familiares, socioeconômicos, ambientais, psicológicos; proporcionar à criança contextos promotores de desenvolvimento e qualidade de vida, um ambiente social, familiar, educativo-pedagógico, capaz de transformar as situações de risco e de exclusão num processo estruturante, dinamizador, criativo e inclusivo; uma consciencialização de todos, profissionais, decisores políticos e cidadãos, das necessidades de proteção à infância e à família; novos modelos conceptuais, preventivos e interventivos, políticas e estratégias globais, coordenadas e multidisciplinares capazes de dar resposta aos novos desafios e à diversidade de problemas que se colocam, na atualidade, ao nível da infância.

Palavras-chave: Infância, Família, Cuidados, Desenvolvimento, Prevenção, Educação, Socialização, Cultura, Saúde, Políticas e Estratégias.

<sup>1</sup> Psicóloga. Doutora em Psicologia. Professora e Investigadora na Univ. Aberta, Lisboa, Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais - CEMRI.

### Introdução

As novas problemáticas, individuais e grupais, que se têm vindo a registar nas sociedades contemporâneas nos diferentes países e continentes, colocam novas questões e desafios à sociedade em geral, às diferentes instituições, às políticas educativas, sociais e de saúde, as quais terão de fazer face, de uma forma articulada, às necessidades criadas pelas novas realidades familiares, educativas, culturais, socioeconômicas, pelas novas configurações no campo social, da educação e da saúde, pelo número crescente de populações migrantes e refugiadas que afluem às cidades e países, pelo aumento das situações de exclusão.

Estas realidades exigem novos modelos conceptuais, preventivos e interventivos, promotores de desenvolvimento e inclusão, capazes de promover e harmonizar a educação e a saúde, com o bem-estar social e psicológico dos indivíduos, das famílias e dos grupos, maioritários ou minoritários.

O desenvolvimento, a educação, a saúde, os comportamentos e as concepções relacionadas com as necessidades da criança, com as formas de cuidar e de educar, correspondem a um processo complexo e dinâmico, a compreender na globalidade de um indivíduo, nas suas relações com os diferentes contextos em que está inserido (contexto ecológico, familiar, socioeconômico, cultural), nas representações individuais e coletivas, no projeto político vigente na sociedade.

Neste sentido, é necessário que as estratégias e modalidades de intervenção sejam baseadas numa abordagem interdisciplinar e global em políticas sociais, educativas e sanitárias, coordenadas e adaptadas às características das famílias e dos contextos sociais, onde alguns princípios e perspectivas deverão estar presentes, nomeadamente:

- Uma ação preventiva e interventiva o mais precoce e alargada possível, sendo o apoio à primeira infância, a primeira etapa essencial de toda a política de prevenção e intervenção;
- A implicação e a responsabilização dos indivíduos, das famílias, dos grupos, da comunidade em geral, no controle, objetivos e cuidados básicos, educativos e de saúde;
- A equidade e a solidariedade na resposta às necessidades educativas e de saúde, sociais e psicológicas, das crianças, dos adultos, das

- famílias, de forma a que todas as pessoas e grupos possam partilhar do desenvolvimento e dos avanços científicos e tecnológicos colocados ao serviço da educação, da saúde, da qualidade de vida e do bem-estar;
- O intercultural, como um paradigma conceptual e metodológico, vindo introduzir a diversidade, a pluralidade, a heterogeneidade, a complexidade, a interdisciplinariedade na investigação e na intervenção, permitindo apreender as situações e os problemas em termos de dinâmicas, processos, relações, estratégias, implicando uma atitude de descentração e uma ética da relação humana, impondo o desenvolvimento de competências sociais, culturais, pedagógicas e comunicacionais, construídas na experiência da alteridade e da diversidade, no equilíbrio entre o particular e o universal;
  - A educação, como um direito e essência do desenvolvimento humano, uma forma de mobilização e transformação social, um elemento fundamental para lutar contra a pobreza, contra as desigualdades e discriminação, contra a doença e a mortalidade infantil e materna, um meio de proteção das crianças contra a exploração sexual e formas perigosas de trabalho, um instrumento capital de promoção do desenvolvimento e da cultura;
  - A comunicação, como essencial para melhorar as práticas familiares e comunitárias em matéria de proteção e de saúde, para desenvolver políticas integradas de prevenção e desenvolvimento da criança, no âmbito da informação e educação dos pais e de outros prestadores de cuidados e agentes de saúde;
  - A família, como o principal elemento e espaço de desenvolvimento, socialização e satisfação das necessidades fundamentais da criança – necessidades de proteção, alimentação, cuidados básicos e de saúde, de amor e afeição, estimulação, aprendizagem, ou seja, das suas necessidades físicas, intelectuais e afetivas, espaço privilegiado de relações psicológicas, sociais e culturais, implicando a educação familiar um equilíbrio e colaboração com a educação coletiva ;
  - A melhoria da qualidade e dignidade de vida das famílias e das crianças, autóctones ou migrantes, promovendo melhores condições de vida, alimentação, saúde, educação, integração, protegendo as crianças das diferentes e numerosas formas de maus tratos, exploração e violência.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

### Cuidados Infantis, Saúde e Prevenção

Na atualidade, a transformação e a evolução das concepções e valores socioculturais e familiares, das novas condições sociais, nomeadamente familiares, com um aumento crescente de famílias nucleares e monoparentais, em que o casal ou apenas a mãe ou o pai, sozinhos, deverão assegurar as responsabilidades e cuidados partilhados outrora pela família alargada e redes comunitárias, como ainda, o aumento do trabalho feminino, da violência familiar, das separações e rupturas familiares, sociais e culturais (devido, entre outros, a divórcio, prisão, doença, alcoolismo, droga, pobreza, desemprego, migração, guerra, catástrofes) têm conduzido a novos papéis familiares, a novos papéis maternos e paternos, a novas formas de socialização e educação da criança, a separações precoces e bruscas da criança do seu ambiente familiar e social, a disfunções psicológicas e sociais, a novas formas de exclusão, vindo aumentar as situações de vulnerabilidade, de risco social, psicológico e biológico para as crianças (ARIÈS, 1960; SHORTER, 1977; BOURGUIGNON et al., 1985; SINGLY, 1993, 2000; RAMOS, 1990, 1993a, 1998a, 1998b, 1999a, 1999b, 2001, 2002).

Nascer, crescer em situação de pobreza, de guerra, de exílio, de doença, constitui um risco, um trauma e um desafio para a criança e a sua família.

As famílias, quando separadas do seu grupo social, cultural e familiar, desenraizadas e isoladas, apresentam, muitas vezes, dificuldades psicossociais, emocionais, adaptativas, tendo o isolamento e a pobreza das relações sociais e familiares, repercussões diretas nas relações da mãe e da criança e nas respostas educativas, provocando, em certos casos, um empobrecimento e desequilíbrio no sistema de interação mãe-criança e uma inadequação das respostas familiares, em particular maternas, às necessidades da criança. Confrontadas com novos contextos, com mudanças físicas, sociais, culturais, psicológicas, com novos modelos, por vezes considerados incompreensíveis e contraditórios, estas famílias e, sobretudo as mães, poderão sentir-se inseguras e em conflito quanto aos cuidados e atitudes educativas face às suas crianças.

Por exemplo, investigações mostram uma vulnerabilidade da mãe e do bebê migrante, com depressões e psicoses pós-parto da mãe e um número importante de distúrbios funcionais do bebê, tais como problemas

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

de sono e alimentação. Também estudos realizados na Europa sobre as crianças migrantes evidenciam uma taxa mais elevada e um período mais longo de hospitalização, uma maior incidência de patologias infecciosas benignas, como bronquites, pneumonias, infecções respiratórias, uma maior patologia acidental (queimaduras, intoxicações, acidentes vários), comparativamente às crianças nacionais, assim como atrasos de linguagem, dificuldades de aprendizagem e comportamentos anti-sociais, sobretudo na adolescência (RAMOS, 1990, 1993a, 1997, 1998a, 1998b, 1999a, 1999b).

Segundo a UNICEF(2001), apesar de na última década do século XX (1990-2000) se ter registado uma redução de três milhões quanto ao número de crianças mortas com menos de 5 anos de idade, esta década trouxe muita violência e precariedade à criança e às suas condições de vida, devido ao aumento galopante da pobreza, à disparidade crescente entre países ricos e pobres e no interior do mesmo país, ao aumento da morte e da doença ligada ao HIV/AIDS, sobretudo na África subsariana, ao aumento da violência familiar, sexual, do trabalho e ainda ao aumento dos conflitos armados.

A pobreza afeta profundamente o potencial de desenvolvimento físico e psíquico da criança, podendo deixar marcas irreversíveis no seu desenvolvimento e conduzir à morte. Em média, uma criança originária de uma família fazendo parte das 20% mais pobres da população mundial corre, pelo menos, duas vezes mais riscos de morrer antes dos 5 anos, do que uma criança originária de uma família fazendo parte das 20% mais ricas, compensando as famílias pobres esta taxa mais elevada de mortalidade por uma taxa de fecundidade mais elevada (UNICEF, 2001).

As crianças, nos países em desenvolvimento, estão mais sujeitas a infecções respiratórias, paludismo, má nutrição, diarreia, rubéola, carência de iodo, as quais afetam o absentismo e os resultados escolares e estão na origem de um grande número de mortes de crianças com menos de 5 anos.

Também dois terços das crianças que morrem em cada ano são recém-nascidos, sendo as suas mortes devido a causas que provocam também a morte das mães, como sejam cuidados obstétricos inadequados ou inexistentes, falta de acompanhamento durante a gravidez e parto. Para além disso, os recém-nascidos estão expostos a certos riscos, como

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

insuficiência de cuidados básicos, infecções e lesões obstétricas, problemas ligados a nascimentos prematuros (UNICEF, 2000).

Para a OMS, 40 milhões de crianças de menos de 15 anos de idade são anualmente vítimas no seu meio familiar de maus tratos e de privação de cuidados essenciais (UNICEF, 1999). A violência familiar ocorre nas diversas culturas e estratos sociais, sendo as crianças e as mulheres as principais vítimas. Contudo, as carências económicas e o isolamento social, as inúmeras frustrações decorrentes da precariedade das condições de vida, das rupturas familiares, das fracas redes de suporte, do stress social e psicológico, do abuso de álcool ou de drogas, são fatores que originam ou agravam as condições de risco e as condições de maus tratos e violência às crianças.

Em 2000, estimava-se em 13 milhões o número de crianças cuja mãe, pai ou ambos tinham morrido de aids, sendo que 95% dessas crianças viviam na África subsariana. Socialmente isoladas e estigmatizadas, privadas de cuidados básicos e de recursos financeiros, as crianças orfãs da aids têm menos oportunidades que as outras crianças de serem vacinadas, de irem à escola, correndo mais riscos de serem mal alimentadas, maltratadas e exploradas (UNICEF, 2001).

Também segundo este organismo, 120 milhões de crianças em idade de ir à escola não são escolarizadas nos países em desenvolvimento, o que tem implicações em diferentes níveis. O analfabetismo constitui um entrave ao desenvolvimento global da criança, criando dificuldades de integração na vida adulta, na compreensão e inserção no mundo, na sua diversidade e complexidade.

Existe uma relação direta entre educação e taxas de mortalidade, em particular, da mortalidade das crianças de menos de 5 anos. Por exemplo, no estado de Kerala (sul da Índia) onde a alfabetização é geral, as taxas de mortalidade infantil são as mais baixas dos países em desenvolvimento e as taxas de fecundidade as menos elevadas da Índia. Vários estudos mostram que cada ano a mais de escolarização traduz-se por uma regressão do índice de fecundidade e por um recuo da mortalidade infantil e das mortes ligadas à maternidade, tendo as mulheres instruídas menos filhos e filhos mais saudáveis e mais cultos do que os das mulheres não instruídas (UNICEF, 1999).

Ainda hoje, apesar dos esforços e avanços registados, avalia-se em 150 milhões o número de crianças com menos de 5 anos que nos

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

países em desenvolvimento sofrem de má nutrição. De salientar que em 1990, este número avaliava-se em 177 milhões (UNICEF, 2001).

No entanto, a simples satisfação das necessidades físicas e os cuidados de nutrição não são suficientes para o crescimento, para o desenvolvimento físico e psíquico da criança, necessitando esta de uma relação estreita e estável com um adulto afetivo, de ser rodeada de um ambiente estimulante e disponível, qualquer que seja o tipo de cuidados dispensados, a pessoa que dispensa esses cuidados ou o meio social e cultural onde vive. Por exemplo, investigações com crianças que sofrem de má nutrição mostram que aquelas que receberam cuidados de alimentação, ao mesmo tempo que uma estimulação verbal, cognitiva e social evidenciam taxas de crescimento superiores àquelas que não foram estimuladas da mesma maneira (SUPER; HERRERA; MORA, 1990; MEYERS, 1995).

Também Ainsworth (1979) mostra que tomar uma criança nos braços não significa torná-la dependente ou caprichosa. Pelo contrário, os seus estudos mostram que são os bebês que beneficiam de mais contactos físicos com os adultos durante os três primeiros trimestres de vida, aqueles que se mostram mais autônomos no início do primeiro ano de vida.

Beckwith (1971) conclui que são as crianças que tiveram mais contatos físicos e verbais com a mãe ou outros adultos, condições de se poderem movimentar livremente no solo, os que apresentam um nível de desenvolvimento global significativamente superior aos nove, dez meses de idade.

Bowlby (1951) considerava que o amor maternal, da família, as interações afetivas, eram tão importantes à saúde mental da criança, como o são vitaminas e proteínas à saúde física. Com efeito, os trabalhos de Bowlby (1969) e de Ainsworth (1979) sobre a teoria da vinculação, vieram elucidar e destacar a importância da natureza afetiva da relação precoce e das relações pais-filhos.

Assim, no desenvolvimento e na intervenção na criança, é necessário ter em conta um conjunto de elementos socioculturais, mas também fatores individuais e psicológicos, ocupando a dimensão afetiva e psicológica um espaço muito importante ao nível da saúde, prevenção e estruturação do ser humano, no começo da vida e no desenvolvimento futuro.

Com efeito, a necessidade de dependência da criança, sobretudo no início da vida, é uma realidade que se inscreve no passado biológico da espécie, sendo a partir desta necessidade biológica e primária de dependência, contato, proteção e afeto que se elaboram os laços de vinculação e o sentimento de segurança, fundamentais na estruturação psíquica da criança e no desenvolvimento e saúde futuros (BOWLBY, 1951, 1969; SPITZ, 1968; AINSWORTH, 1979; WINNICOTT, 1969, 1972, 1979).

A solidez destes vínculos e da segurança afetiva, construídos nos primeiros tempos de vida, o sentimento da criança de ser amada e reconhecida, a disponibilidade e adaptação da mãe, pai ou substituto às necessidades da criança e a qualidade dos cuidados prestados constituem fatores básicos de proteção, de desenvolvimento, de autonomia e de resiliência, condicionam as escolhas objetivas futuras, do adolescente e adulto e a coerência e competência dos comportamentos de mãe e de pai. A qualidade destes vínculos e cuidados são elementos essenciais para que a criança aceda às fases posteriores do seu desenvolvimento, invista suficientemente o domínio cognitivo para seguir uma escolaridade sem problemas, interiorize corretamente as imagens parentais, a fim de abordar a adolescência sem grandes conflitos.

Estes cuidados, estas práticas de *maternage*, situam-se na continuidade dos cuidados que o feto recebe durante a vida intrauterina, vindo assegurar à criança a proteção necessária à sua sobrevivência e saúde, constituindo momentos privilegiados de interações sensoriais e afetivas entre o adulto e a criança.

É através destas interações e comunicações variadas, dos cuidados quotidianos prestados em contextos familiares, ecológico-culturais e relacionais específicos, que se tecem laços, se alimentam intimidades, se impregnam gestos e posturas, que a criança se estrutura psíquica e culturalmente, contribuindo as particularidades destes meios para dar uma especificidade à relação objeto e um "estilo" às técnicas de *maternage*. Deste modo, os gestos, posturas, palavras, ritmos, que envolvem a criança, o "envelope" gestual e sonoro da criança é, ao mesmo tempo, um envelope psíquico e cultural, impregnado de identificações grupais e individuais, dos membros que formam a sua comunidade (LEBOVICI, 1983; STORK, 1986; RAMOS, 1990, 1993a, 1994, 1995, 1996, 2001, 2002).

Nos primeiros tempos de vida, é a família, muito em particular a mãe e o pai, os mais bem colocados para fornecer ao bebê, à criança, a proteção e a segurança emocional indispensável, as condições de desenvolvimento psíquico, físico e de autonomia, através das rotinas diárias, dos cuidados repetidos, efetuados num clima afetivo e social apropriado.

Sobre a importância deste contexto efetivo e familiar, uma investigação de Ménahem (1992) a partir de um inquérito de grande dimensão do INSEE em França, demonstrou a influência das carências afetivas na infância e dos conflitos parentais na saúde mental e física dos filhos ao longo da vida.

A Assembléia Geral das Nações Unidas- ONU (1989), na "Convenção Internacional dos Direitos da Criança" ( DEKEUVER-DÉFOSSEZ, 1991), salienta a vulnerabilidade da criança, a sua necessidade de cuidados especiais, centrando-se na proteção e afirmação dos seus direitos elementares, como o direito a uma família, à saúde, à educação, à proteção social. Esta convenção dá ênfase às responsabilidades do estado e da família, em particular, nos cuidados primários, assistência educativa e proteção.

Hoje, apesar das suas mudanças, dificuldades, fragmentação, a família continua a constituir um espaço e valor importante para os jovens. Por ex. uma investigação em França, mostra que para 87% dos jovens franceses interrogados, com idades entre os 15 e 29 anos, a família é considerada o valor número um e ela deverá permanecer a célula base da sociedade (LANGOUET, 1998).

Em idade precoce, as práticas de cuidados, saúde e educação estão estreitamente ligadas como refere Santos (1991, p. 106): "A educação, não começa na idade da razão, mas no berço, quando ainda a criança recebe da mãe apenas amor e alimento".

Winnicott (1972, p. 107-108) salienta a relação e a dependência da criança no início da vida, do seu ambiente e dos cuidados maternos nestes termos: "Quando encontramos uma criança, encontramos um contexto ambiental e, atrás deste, encontramos cuidados maternos".

Winnicott (1969, 1979), distingue três tipos de atividades, nos cuidados que a mãe ou o substituto materno dispensa à criança:

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

- o holding, a mãe envelope e suporte psíquico e físico, segura e protege a criança;
- o handling, a mãe manipula a criança, dá-lhe cuidados físicos e sensações tácteis, auditivas, visuais, cinestésicas;
- o object-presenting, modo de apresentação do mundo, dos objetos através da mãe. A criança tem acesso de modo progressivo aos objetos pela mãe, primeiro aos objetos mais simples, depois aos objetos mais complexos e, por fim, ao mundo nas suas diferentes dimensões.

Os cuidados à criança, o desenvolvimento, a socialização, os comportamentos e técnicas educativas não podem ser aprendidos, senão a partir de modelos holísticos, interacionistas e plurais.

### Desenvolvimento e Educação / Modelos Holísticos

O desenvolvimento da criança, a sua socialização, o tipo de cuidados e de educação que lhe são prestados, próprios de cada época e de cada grupo social e cultural, são influenciados pelos hábitos culturais, pelas representações, crenças, etnoteorias que os adultos têm sobre as necessidades, a saúde e a natureza da criança, os seus ritmos de desenvolvimento, as suas competências, sobre as formas de educar, mas também, pelas condições ecológicas, socioeconômicas e políticas, pelas condições de vida da família nomeadamente, condições sociais, habitacionais, trabalho dos pais, particularmente da mãe, densidade familiar, equipamentos escolares, sociais, sanitários, etc. (RAMOS, 1990, 1993a, 1993b, 1998a, 1998b, 1999, 2001, 2002).

As etnoteorias, também designadas por teorias populares ou naive, (NINIO, 1979, KELLER; MIRANDA; GAUDA, 1984, SUPER; HARKNESS, 1986, RAMOS, 1990, 1993a, 1993b, 2002), são idéias, concepções, crenças, que as populações, os pais, os educadores, desenvolvem sobre a criança, a sua socialização, desenvolvimento e educação, tratando-se de um saber empírico que os grupos e os indivíduos, transmitem de geração em geração e que variam espacial e temporalmente.

Para compreender e analisar a relação complexa entre as representações, o desenvolvimento, as práticas educativas e de proteção, os sistemas interativos e as suas particularidades no espaço e no tempo, vários modelos conceptuais vêm dar um contributo importante.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

Assim, Whiting e Whiting (1975, 1978) têm conta os meios culturais, físicos e sociais onde se processa a socialização e desenvolvimento da criança, propondo um modelo que designam de Psicocultural para o estudo dos cuidados e educação da criança. Este modelo insiste nas relações estreitas entre a ecologia física, a história social e cultural, a estrutura econômico-social e política, as crenças mágico-religiosas, os rituais, etc. de um grupo e o tipo de cuidados e modo de educação das crianças.

Já o modelo Ecológico proposto por Bronfenbrenner (1979) sublinha que o contexto familiar e o comportamento dos pais são influenciados pelo contexto ecológico em que vive a criança e a família. Há uma influência sobre o desenvolvimento do ambiente ecológico, englobando este o contexto imediato e a inter-relação entre os vários níveis estruturais e sub-sistemas que o compõem: Microssistema (Ex. a creche, a escola, o lar, ou seja, os contextos onde os indivíduos participam ativamente); Mesossistema (Ex. as interações entre a família e a escola. Envolve as inter-relações entre os contextos em que o indivíduo participa ativamente); Exossistema (Ex. trabalho dos pais, meios de transporte, assistência médico-social, isto é, implica um ou mais contextos onde determinadas situações afetam ou são afetadas pelo contexto imediato do sujeito); Macrosistema (Ex. as crenças, os sistemas de valores, os padrões culturais que influenciam o funcionamento dos outros sub-sistemas).

A perspectiva de ecologia do desenvolvimento humano, defendida por Bronfenbrenner, acentua a importância não só do conhecimento das condições em que vivem as crianças, mas também do modo como essas condições afetam o seu desenvolvimento e como elas podem ser modificadas no sentido de promover o potencial de desenvolvimento da criança.

Numa perspectiva similar de ecologia do desenvolvimento situa-se o modelo transacional de Sameroff (1992). Este modelo considera o desenvolvimento da criança como produto de um processo complexo de interação contínuo, dinâmico e bidirecional entre a criança e as experiências fornecidas pelo contexto ambiental e social, muito em particular, pelo seu ambiente familiar.

Por seu lado, Ogbu (1981), no seu modelo ecológico-cultural, considera as concepções sobre a criança e as práticas educativas estreitamente relacionadas com os valores culturais e religiosos, com a

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

percepção do êxito social e das competências instrumentais valorizadas e dominantes numa dada sociedade, com a organização social e com o sistema econômico. Para este autor, a adaptação de um grupo social ao seu meio ambiente é vista como uma resposta cultural, possuindo cada grupo um modo particular de adaptação ditado pela cultura. Esta resposta específica terá influência no desenvolvimento e socialização da criança, através das técnicas educativas e das representações e valores relativos à educação da criança.

O conceito de nicho de desenvolvimento, elaborado pelos autores norte-americanos Super e Harkness (1986, 1997), a partir do conceito de nicho ecológico utilizado pelos biólogos e etólogos aquando do estudo do organismo nas suas reações ao meio natural, é um conceito que integra conhecimentos de várias disciplinas relativas ao desenvolvimento e educação da criança no seu contexto cultural. Este modelo conceptual engloba todas as influências susceptíveis de agir sobre a criança desde a vida pré-natal, permitindo ultrapassar o clássico debate sobre a preponderância dos fatores hereditários ou do meio sobre o desenvolvimento. O meio e o indivíduo são concebidos como dois sistemas abertos que interagem constantemente, existindo para além dos fatores biológicos e maturacionais, todo um conjunto de variáveis que interagem entre si e que interferem no desenvolvimento e educação da criança, como sejam, as condições ecológicas, socioeconômicas, históricas, os hábitos de cuidados e de educação, as concepções sobre a natureza, o desenvolvimento e a saúde da criança.

O nicho de desenvolvimento toma em conta três sub-sistemas principais que funcionam em interação:

- os contextos físicos/ecológicos e socioculturais nos quais a criança vive;
- as tradições culturais e práticas educativas e de cuidados;
- as representações sociais do desenvolvimento e educação, as etnoteorias, as crenças dos educadores sobre a criança, o seu desenvolvimento e socialização.

Este conceito implica assim os meios sucessivos, materiais e humanos, que permitem os cuidados e as aprendizagens adaptados a cada criança numa determinada cultura, cada cultura modelando os métodos e procedimentos que permitem à criança adquirir competências sociais e cognitivas, o saber e o saber fazer por ela valorizados.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

A partir do conceito de nicho de desenvolvimento de Super e Harkness (1986), Reed (1993); Reed e Bril (1996) propõem o conceito de nicho de desenvolvimento e aprendizagem. Assim, todo o grupo cultural procura para a criança uma sucessão de meios adaptativos, os quais são caracterizados, nomeadamente, pelo tipo de competências que os adultos encorajam, a idade em que essas competências são consideradas como adquiridas e o nível de domínio a atingir.

O nicho de desenvolvimento e aprendizagem oferece um campo de ações possíveis, cujas características principais podem ser definidas tendo em conta quatro dimensões:

- uma ação pode ser mais ou menos encorajada pelo meio;
- certos artefatos (objetos, instrumentos) podem estar mais ou menos disponíveis no meio do aprendiz;
- em todas as sociedades existem regras sobre os papéis dos diferentes protagonistas em função das situações e dos objetos que convém utilizar;
- A organização do campo de ações possíveis varia segundo a idade e o nível de desenvolvimento e de controle de determinado comportamento, tendo em conta o que é oportuno organizar num dado momento.

Assim, este conceito tem em conta as interações recíprocas entre os diferentes elementos estruturantes do nicho de desenvolvimento, mas igualmente as características do campo de ações possíveis, que cria as condições de desenvolvimento, socialização e aprendizagem. É a partir deste campo de ações possíveis, que a criança mobiliza e utiliza os mecanismos psicológicos subjacentes aos processos de desenvolvimento sensorial, cognitivo, afetivo, necessários à aquisição de competências culturais.

Berry (1976) e Berry et al. (1992), através de um modelo designado de eco-cultural, consideram o comportamento individual determinado em grande parte pela cultura, constituindo esta uma resposta adaptada do grupo às condições ecológicas, socioeconômicas e históricas.

Este modelo distingue 2 níveis: o nível individual, compreendendo as características psicológicas individuais (as representações e comportamentos observáveis), e o nível grupal ou coletivo, englobando os contextos ecológicos ou ecossistemas (interações entre populações e características ambientais) e os contextos sociopolíticos (formas de organização dos estados-nações e das sociedades).

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

As variáveis grupais influenciam grandemente as características psicológicas individuais, mas os sujeitos influenciam igualmente os seus meios ecológicos e sociopolíticos pela utilização de instrumentos culturais, o que implica uma interação entre o individual e o coletivo.

No modelo eco-cultural, as variáveis coletivas e as variáveis individuais estão em relação, através de um conjunto complexo de processos de transmissão cultural.

### Modalidades de Transmissão Cultural

Os modelos conceptuais apresentados reenviam-nos e são pertinentes para a compreensão de alguns conceitos importantes nas experiências formadoras, ao nível da infância, e nas modalidades de transmissão cultural, nomeadamente, a enculturação, a socialização e a aculturação.

A cultura estrutura o indivíduo por intermédio de padrões culturais transmitidos, os quais constituem modelos, regras e lógicas culturais fornecidas à criança desde o seu nascimento pela família e pela comunidade. Estas formas específicas de transmissão cultural processam-se através das técnicas do corpo, dos cuidados às crianças, das práticas educativas, dos modos relacionais e comunicacionais (MEAD, 1930, 1963, MAUSS, 1985, RAMOS, 1990-2002).

Mead (1930), Bateson e Mead (1938), numa investigação consagrada ao estudo da primeira infância e da educação na Nova-Guiné, salientam as modalidades de transmissão cultural através de um processo de aprendizagem que designa por enculturação. Trata-se de um processo de incorporação da cultura, um processo de interiorização pelo indivíduo das tradições, sistemas de referência e valores do seu grupo, processo que se faz essencialmente por via inconsciente. Envolve tudo o que está disponível e implícito no meio que nos rodeia e que aprendemos sem que haja ensino deliberado. Distingue-se da socialização, a qual resulta, sobretudo, das influências exercidas conscientemente sobre o indivíduo pelo meio envolvente com o qual está em interação (RAMOS, 1993 a).

A enculturação e a socialização introduzem o indivíduo desde o seu nascimento numa cultura específica, têm uma função de humanização e de estruturação, por intermédio dos padrões culturais transmitidos, através das numerosas e diversas interações e comunicações do indivíduo

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

com o seu meio familiar, social, comunitário, com o seu sistema cultural de pertença.

O espaço e modelos socioculturais familiares constituem elementos básicos de estruturação da criança, desempenhando as estruturas pré-escolar e escolar, com as suas características culturais, um papel igualmente importante neste processo de estruturação cultural e psíquica. Estes espaços favorecem a comunicação e a abertura da criança ao mundo, de entrada na cultura (Ramos, 1990-2002).

Quanto ao processo de aculturação, este foi definido pela primeira vez por Herkovits em 1938 (RAMOS, 1993 a ) como o conjunto de fenômenos que resultam do contato direto e contínuo entre grupos de indivíduos de culturas diferentes, com mudanças subseqüentes nos tipos e modalidades culturais de um ou dos restantes grupos. A aculturação acompanha-se de transformações culturais diversas, temporais e espaciais e provoca a perda, a aquisição, a substituição e a reinterpretação de traços culturais dos grupos em presença.

A cultura implica evolução e mudança, resultantes, quer das inovações e das transformações internas de um grupo humano, quer dos processos externos provenientes do contato de grupos culturais diferentes.

O indivíduo não é somente o produto da sua cultura, mas também a constrói e a recria, em função das problemáticas diversificadas e dos contextos, marcados pela pluralidade, diversidade e complexidade.

A multiplicidade dos níveis de inscrição da cultura e do social evidenciam a complexidade da experiência individual na cultura e a importância destes parâmetros na estruturação cultural e psíquica do ser humano, em particular da criança (RAMOS, 1993 a , 1997, 1998 a , 1998b, 1999, 2001).

O Homem é um ser de cultura, a qual está na base da sua humanidade, singularidade e universalidade.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

## Considerações Finais

Reconhecer os direitos da criança passa, em primeiro lugar, por criar as condições necessárias para que seja possível oferecer-lhe um ambiente familiar, educativo e social adequado, um eficiente sistema sanitário e educativo/pedagógico, não podendo a satisfação destes direitos ser efetiva, sem uma abordagem multidisciplinar e global, destinada a responder às suas necessidades psíquicas, físicas e sociais desde o início da vida e capaz de transformar a vulnerabilidade, as situações de risco e exclusão, num processo estruturante, dinamizador e inclusivo.

É indispensável implementar políticas interventivas que tenham em conta as características individuais, sociais e culturais das crianças e das famílias, desenvolver os equipamentos e serviços de apoio à criança e à família, incrementar e melhorar as estruturas sociais, sanitárias e educativas, a formação dos profissionais e a educação parental, com o objetivo de promover o desenvolvimento, a saúde e a qualidade de vida das crianças e das famílias de grupos majoritários ou minoritários, nacionais ou migrantes.

É necessário rever as políticas sociais, familiares e educativas, assim como, desenvolver intervenções que ajudem a fortalecer os fatores de proteção familiar, as competências educativas, interpessoais e de adaptação dos pais, de modo a que eles possam lidar de um modo mais eficaz com as situações de risco e de stress.

É importante integrar a dimensão intercultural nas suas vertentes social, psico-educativa, comunicacional e clínica, na formação dos agentes sociais, educativos, sanitários, seja dos que trabalham nos países industrializados confrontados com um crescente aumento de famílias provenientes de outras culturas e de minorias, seja dos que trabalham em países em vias de desenvolvimento ou, ainda, os que trabalham ao nível da cooperação internacional, em acções humanitárias ou outras.

É necessário uma abordagem dos problemas que integre as transformações actuais, a dinâmica da mudança e da diversidade, a multiplicação de alternativas, as pertenças multicategoriais, como fatores de inclusão, de inovação e de desenvolvimento.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien régime*. Paris: Plon, 1960.
- AINSWORTH, Mary. Infant-mother attachment. *American Psychologist*, local, n. 34, p. 932-937, 1979.
- BECKWITH, Lewis. Relationships between attributes of mothers and their infants, I.Q. Scores. *Children Development*, local, n. 42, p. 1083-1097, 1971.
- BERRY, John. *Human ecology and cognitive style*. New York: Sage Halsted Wiley, 1976.
- BERRY, John et al. *Cross cultural psychology: Research and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BOURGUIGNON, Odile et al. *Du divorce et des enfants*. Paris: PUF, 1985.
- BOWLBY, John. *Soins maternels et santé mentale*. Genève: OMS, 1951. v. 4.
- BOWLBY, John. *L'attachement*. Paris: PUF, 1969.
- BRONFENBRENNER, Urie. *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- DEKEUVER-DÉFOSSEZ, François. *Les droits de l'enfant*. Paris: PUF, 1991.
- ERIKSON, Eric. *Enfance et société*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1950.
- LANGOUET, Gérard (ed.). *L'état de l'enfance dans les nouvelles familles en France*. Paris: Hachette, 1998.
- LEBOVICI, Serge. *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste. Les interactions précoces*. Paris: Le Centurion, 1983.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

- KELLER, Heidi; MIRANDA, Delia; GAUDA, Gudrun. The naïve theory of the infant and some maternal attitudes. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 165-179, 1984.
- MAUSS, Marcel. *Les Techniques du corps. Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1985.
- MEAD, Margaret; WOLFENSTEIN, M. (Eds.). *Childhood in contemporary cultures*. Chicago: Chicago University Press, 1955
- MEAD, Margaret. *Une éducation en Nouvelle-Guinée*. Paris: Payot, 1930.
- MEAD, Margaret. *Moeurs et sexualité en Océanie*. Paris: Plon, 1963.
- MEAD, Margaret. *Le fossé des générations*. Paris: Denoel-Gouthier, 1970.
- MÉNAHEM, Georges. Troubles de santé à l'âge adulte et difficultés familiales dans l'enfance. *Population*. [s.l.] n. 4, p. 893-933, ano.
- MEYERS, Ronald. *Relating health and nutrition to social and psychological development. The twelve who survive: Strengthening programmes of early childhood development in the third world*. Ypsilanti, Michigan: High/Scope Press, 1995.
- NINIO, Anas. The naïve theory of infant and other maternal attitudes in two subgroups in Israel. *Child Development*, [s.l.], n. 50, p. 976-980, 1979.
- OGBU, John. Originis of social competence: a cultural ecological perspective. *Child Development*, [s.l.], n. 52, p. 413-429, 1981.
- REED, Edward. The intention to use a specific affordance: a conceptual framework for psychology. In WOSNIAK; FISHER. (Eds.) *Development in context: acting and thinking in specific environments*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1993.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

REED, Edward ; BRIL, Blandine. The primacy of action in development. A commentary of N. Bernstein. In: LATASH. (Ed.) **Dexterity and its development**. Hillsdade, NJ: Erlbaum Associates. 1996.

RAMOS, Natália. Educação precoce e práticas de cuidados em meio urbano. In: Colóquio viver (n)a cidade. Lisboa: LNEC, 1990. p. 315-323.

RAMOS, Natália. Maternage en milieu portugais autochtone et immigré. De la tradition à la modernité. Une étude ethnopsychologique. (Doutorado em Psicologia). Paris V: Universidade René Descartes, Sorbonne, 1993 a. 2 v.

RAMOS, Natália. Le monde enchanté de l'endormissement et de l'apaisement au Portugal. In: Stork Hélène (Ed). **Les rituels du coucher de l'enfant. Variations culturelles**. Paris: E.S.F. 1993b. p. 235-268.

RAMOS, Natália. Cultura, saúde e desenvolvimento - Novos desafios nas políticas social e de saúde. In: Workshop Etnicidade, saúde comunitária e política social em Portugal: uma abordagem multidisciplinar. Lisboa: 5 e 6 de Dez., 1997.

RAMOS, Natália. Rôle et place de la famille dans l'éducation des enfants. In: **Journées Internationales Familles et cultures**, Aix-en-Provence, 20-23 Out., 1998 a .

RAMOS, Natália. Famílias e crianças em situação de risco: da prevenção à intervenção. In: Jornadas Técnicas Exclusão social e solidariedade: o lugar das gerações e o papel da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Alcoitão, 11-13 Nov., 1998b .

RAMOS, Natália. Saúde e multiculturalidade. A criança em contexto migratório. In: IX Congresso Internacional Saúde comunitária e exclusão social. Lisboa: 24 e 25 Nov., 1999 a .

RAMOS, Natália. A educação da criança migrante. Uma abordagem intercultural. In: Seminário Internacional Migrações e integração europeia. Emprego, educação, cidadania e dinâmicas locais. Porto: 20 e 21 de Maio, 1999b.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

RAMOS, Natália. Políticas interculturais e sócio-educativas ao nível da infância e da juventude. Os novos desafios da inclusão e do desenvolvimento. In: Jornadas Científicas- Da instituição para as pessoas. Lousã: 19 e 20 Nov., 2001 a.

RAMOS, Natália. Comunicação, cultura e interculturalidade: Para uma comunicação intercultural. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, [s.l.], v. 35, n. 2, p. 155-178, 2001b.

RAMOS, Natália. A família nos cuidados à criança e na socialização precoce em Portugal e no Brasil. Uma abordagem intercultural comparativa. In: Seminário Internacional - Desafios da comparação. Família, Mulheres e género em Portugal e no Brasil. Lisboa: 25 e 26 Fev., 2002 a.

RAMOS, Natália. Etnoteorias do desenvolvimento e educação da criança. Uma perspectiva intercultural e preventiva. In: I Encontro Nacional de Psicologia em Leiria - Psicologia e Sociedade. Leiri: 23 e 24 Maio, 2002b.

SAMEROFF, Arnold. Les facteurs de risque de déviance du développement chez le nouveau-né. In: ANTOHNY, James. **L'enfant vulnérable**. Paris: PUF, ?

SANTOS, João dos. Ensaio sobre educação. Lisboa: Livros Horizonte, 1991. v. 1 e 2.

SHORTER, Edward. **La naissance de la famille moderne**. Paris: Seuil, 1977.

SINGLY, François de. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Nathan, 1993.

SINGLY, François de et al. **La famille en question. État de la recherche**. Paris: Syros, 1996.

SINGLY, François de. **Libres ensemble. L'individualisme dans la vie commune**. Paris: Nathan, 2000.

SPITZ, René. **De la naissance à la parole. La première année de la vie**. Paris : PUF, 1968.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

STORK, Hélène. *Enfances indiennes. Étude de psychologie transculturelle et comparée du jeune enfant*. Paris: Le Centurion, 1986.

SUPER, Charles; HARKNESS, Sara. The developmental niche: A conceptualization at the interface of child and culture. *International Journal of Behavioral Development*, [s.l.], n. 9, p. 545-569, 1986.

SUPER, Charles; HERRERA, Guillermo; MORA, José. Long-term effects of food supplementation and psychosocial intervention in the physical growth of Colombian infants at risk of malnutrition. *Child Development*, [s.l.], v. 61, n. 1, p. 36-46, 1990.

SUPER, Charles ; HARKNESS, Sara. The cultural structuring of child development. In: BERRY, John; DASEN, Pierre; SARASWATHI, Tomas (Eds.). *Handbook of cross cultural psychology*. Boston: Allyn and Bacon, 1997. v. 2.

UNICEF. *La situation des enfants dans le monde*. Genève, 1999.

UNICEF. *La situation des enfants dans le monde*. Genève, 2000.

UNICEF. *La situation des enfants dans le monde*. Genève, 2001.

WHITING, Béatrice; WHITING, John. *Children of six cultures. A psychological analysis*. Cambridge : Harvard University Press, 1975.

WHITING, John.; WHITING, B. A strategy for Psychocultural Research. In: SPINDLER, G. (Ed.) *The making of Psychokogical authropology*. Berkeley: Univ. of California Press, 1978.

WINNICOTT, Donald. *L'enfant et sa famille*. Paris : Payot, 1979.

WINNICOTT, Donald. *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1969.

WINNICOTT, Donald. *L'enfant et le monde extérieur*. Paris: Payot, 1972.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

## FILMOGRAFIA

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. *First days in the life of a New Guinea baby*. 35mm, pb, 14mn, 1938.

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. *Karba's first years*. 35mm, pb, 19mn, 1939.

BATESON, Gregory ; MEAD, Mead. *Bathing babies in three cultures*. 35mm, pb, 10mn, 1954.

MACNEIL, Ian; MEAD, Margaret. *Four families*. 16mm, pb, 54mn, 1959.

RAMOS, Natália. *Bercements et berceuses en milieu portugais*. U-Matic, c., 30mn, 1993.

RAMOS, Natália. *Gestes de mères, gestes de pères*. Betacam SP, c., 35mn, 1994.

RAMOS, Natália. *Grands-parents et petits-enfants. Le renouveau du Printemps*. Betacam SP, c., 45mn, 1995.

RAMOS, Natália. *Maternage Portugais*. Betacam SP, c., 35mn, 1995.

RAMOS, Natália. *Autour des gestes de maternage*. Betacam SP, c., 25mn, 1996.

RAMOS, Natália. *Une famille portugaise à Paris*. Betacam SP, c., 20mn, 1996.

RAMOS, Natália. *Le jour se lève. De la découverte aux apprentissages*. Betacam SP, c., 24mn, 1997.

RAMOS, Natália. *Aprender no plural. A escola de todas as cores. (Apprendre au pluriel. L'école de toutes les couleurs*. Betacam SP, c., 25mn, Versão Port. e Franc, 1998.

RAMOS, Natália. *Ishtar et Sotis. Premiers liens, premières découvertes*. Betacam SP, c., 13mn, 2000.

Desafios Sociais	Natal	ano 2	n. 2	p. 24-46	jan. / jul. 2002
------------------	-------	-------	------	----------	------------------

RAMOS, Natália. Primeiras experiências. Primeiras aprendizagens na creche. Betacam SP, c., 18mn. 2000.

RAMOS, Natália ; SERAFIM, José. O jardim de infância. Arco-íris de aprendizagens e culturas. Betacam SP, c., 36mn.2001.

RAMOS, Natália ; SERAFIM, José. Gestos de maternage no Brasil. Betacam SP, c., 25mn. 2001.

RAMOS, Natália. Acalantos. Gestos e ritmos de embalar em Portugal e no Brasil. Betacam SP, 33mn, 2001.

RAMOS, Natália. Pais e filhos. As teias que o amor tece. Betacam SP, c., 33mn, 2002.

STORK, Hélène. Seliamedu. Petits soins aux bébés dans un village Tamoul. 16mm, c. 30mn, 1982.